

## **CARISMA, VOCAÇÃO E PODER EM MIGUEL VIEIRA FERREIRA: proposta de interpretação do sujeito a partir de categorias weberianas**

*Adroaldo José. S. Almeida\**

### RESUMO

Menos um estudo biográfico e mais uma análise interpretativa das diversas possibilidades de perceber o sujeito, este trabalho tem como foco principal a vida de Miguel Vieira Ferreira, primeiro pastor da Igreja Evangélica Brasileira, fundada por ele, ao final do século XIX, após um desentendimento com a Igreja Presbiteriana, do Rio de Janeiro. Além de desempenhar funções religiosas, sua vida está marcada por envolvimento em prol do abolicionismo, da República e de um liberalismo que permitisse educação vinculada ao trabalho, criando entre a população o que Miguel chama de “capital moral”. Utilizei-me dos conceitos trabalhados por Weber, principalmente carisma, vocação e poder, porém, permitindo o livre tráfego do sujeito, não deixando-o “encapsulado” em categorias definidas.

Palavras-chave: Miguel Vieira Ferreira, protestantismo, carisma, vocação.

### **1 INTRODUÇÃO**

Nascido aos 10 de dezembro de 1837, na cidade de São Luís/MA, Miguel Vieira Ferreira estudou no Liceu Maranhense, onde concluiu seus estudos preparatórios. Logo depois seguiu para a Corte, no Rio de Janeiro, matriculando-se na Escola Militar Central do Império onde recebeu o título de Bacharel em Ciências Matemáticas e Físicas em 1859, e o grau de Doutor em 1863.

Seguiu a carreira militar, chegando a patente de Segundo-Tenente do Corpo de Engenheiros (1859), pedindo demissão em 1864, em consequência de uma grave enfermidade que o trouxe de volta para a província do Maranhão.

---

\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.  
e\_mail: adroaldoalmeida@terra.com.br

Escreve em 1866 *Considerações sobre o progresso material da província do Maranhão* e, ainda, redige o jornal “O Artista”, jornal voltado à indústria e às artes, como o mesmo trazia no título.

Miguel Vieira Ferreira é forjado a partir de uma educação militar, que ao final do século XIX, pelo menos no Brasil, estava fortemente influenciada pelo Positivismo. Este foi um século que privilegiou a racionalidade do pensar, encontrando no positivismo sua forma máxima de expressão. Aliás, o positivismo encontrou no Brasil, mais do que na França, um terreno fértil para a propagação de suas idéias, formando uma classe intelectual contrária à Igreja, ao Império e à ociosidade.

Alguns intelectuais desse período parecem ter criado um estilo próprio e combativo de entender a religião, o Estado e a moral. Entre eles, destaco Miguel Vieira Ferreira, fundador do Clube Republicano, abolicionista, liberal e, talvez aqui o ponto mais interessante, evangélico.

É importante o estudo de Miguel por ser um sujeito indeterminado que não se pode localizar facilmente em determinada área, pois ele transita ao mesmo tempo em várias delas. Miguel Vieira Ferreira pode ser estudado sob diversos aspectos e áreas, pois teve envolvimento com a política (foi deputado), a economia (criou projetos concernentes ao progresso industrial do Maranhão) e a religião (fundou a Igreja Evangélica Brasileira), só para citar algumas dessas possibilidades de estudo.

Desse modo, privilegiei apenas um desses aspectos, qual seja, o religioso, tentando observar, a partir de uma análise weberiana, categorias como carisma, poder e vocação as quais aparecem de modo muito visível e peculiar no estudo sobre esse objeto.

Portanto, este trabalho se presta a uma análise weberiana desse sujeito indeterminado, que tem em sua prática elementos do racionalismo do século XIX ao mesmo tempo que comunga de práticas místicas, tais como crença em profecias, revelações divinas, entre outros aspectos que estão sendo combatidos não somente pela Igreja Católica, mas também pelas várias igrejas protestantes.

Há vários aspectos possíveis de serem analisados nesse estudo sobre Miguel Vieira Ferreira, porém deter-me-ei na análise sobre a construção do intelectual e depois sua aproximação com o protestantismo, ora com impregnações racionalistas, ora místicas. Portanto, alguns aspectos serão apenas superficialmente comentados, cabendo, desde já, provocações e debates acerca do tema proposto.

## **2 MIGUEL E SUA FORMAÇÃO INTELECTUAL**

Miguel Vieira Ferreira manteve contato com Benjamin Constant e outros intelectuais positivistas, quando freqüentou a Escola Central do Rio de

Janeiro (Escola Militar do Império) em 1862. Lá, acabou nutrindo idéias republicanas e abolicionistas, talvez também por influência do irmão, Luiz V. Ferreira, que havia estudado na França.

Possivelmente tenha sido também por intermédio do irmão que Miguel tornou-se liberal, entendido aqui como doutrina que preconiza oportunidades iguais para todos, sendo o Estado o mantenedor da ordem econômica, restringindo sua intervenção quanto aos subsídios para aquisição de tecnologia e para a construção de parques industriais modernos, ou seja, com máquinas e equipamentos que permitissem maior volume de produção.

A noção de *progresso* confunde o desenvolvimento tecnológico com o desenvolvimento da sociedade. Essa noção se fez presente durante muito tempo e, talvez, ainda hoje em alguns setores. Parece-me que a mentalidade intelectual brasileira ao final do século XIX acabou se impregnando com essa idéia de progresso.

Quando Miguel Vieira Ferreira viu-se obrigado a voltar para o Maranhão, por questões de saúde, o seu discurso parece querer constatar que “tudo entre nós é miséria! A população vive como uma tribo selvagem, sem morada certa, sem costumes e sem lei: o trabalho é cousa que não conhecemos ainda.”(FERREIRA, 1866, p. 11)

O ponto de referência para Miguel era a Europa. Ele pondera que os escritores estrangeiros, ainda que demonstrassem que o trabalho, o capital e a terra são fontes da produção de riqueza, tornaram-se prolixos em demonstrar como é útil a divisão do trabalho. Tempos depois, Durkheim, formado na Escola Normal Superior, onde falava-se do progresso científico, político e do bem-estar, destaca de que modo se alcançaria o progresso com base na divisão social do trabalho.

O que também chama a atenção no discurso de Miguel é sua preocupação com a moral do povo. Aliás, aqui o pensamento desses dois intelectuais convergem, uma vez que, para Durkheim, a divisão do trabalho, que de fato cumpre uma função econômica, deve ser percebida muito além disso, pois produz um efeito moral na medida em que sua função também cria um sentimento de solidariedade entre as pessoas, e solidariedade deve ser entendida aqui como dependência do outro e não no sentido de caridade.

Miguel entende que se deveria organizar o trabalho dando moralidade ao povo. Essa moralidade passaria por leis que estimulassem o trabalho, negando o direito à preguiça, abolindo-se a escravidão e incentivando o trabalho livre na indústria. Conforme Ferreira (1866, p. 29) “A idéia de chamar a tropa ao trabalho, é própria de um paiz civilisado; e a de chamar a população a tropa, isto é, à disciplina, é uma necessidade de um paiz selvagem em que a população se compõem de vagabundos.”

O ócio na perspectiva de Miguel é um mal que deve ser combatido,

pois o homem ocioso, além de não contribuir para o progresso do país, opõe-se a uma ordem natural, que é imanente a todo ser humano. É nesse sentido que ele considera que Deus permitiu que Adão comesse com o suor do seu rosto, mas, segundo ele, o maranhense livre sustenta-se com o suor do rosto alheio.

De 1865 a 1870, apesar da enfermidade, sua vida era extremamente ativa: Gerente da Casa de Fundição da Companhia de Navegação do Maranhão (1865), escreve *Reflexões acerca do Progresso Material do Maranhão* (1866), projeta os estatutos do *Banco Hipotecário Industrial* (1867), funda a folha *O Liberal do Maranhão* e se torna o principal redator do jornal *O Artista* (1868), funda o instituto *Educandos Industriais* e a folha *O Inconfidente* (1869) e, em 1870, de volta ao Rio de Janeiro, ajuda a fundar o Clube Republicano, tendo sido um dos signatários do Manifesto Republicano.

O que nos interessa, pelo menos por hora saber, é que Miguel Vieira Ferreira tem uma formação intelectual que se aproxima do positivismo, do liberalismo e da racionalidade científica que tanto impregnou o século XIX. Por isso mesmo, sua aproximação com a religião cristã, sobretudo protestante, é algo inquietante, dado a sua aversão ao catolicismo, de tal modo que confessou ser um infiel já na juventude.

Qual instrumental teórico então nos permitiria entender essa *conversão* de Miguel ao protestantismo e, mais adiante, seu rompimento com a Igreja Presbiteriana, de cunho mais tradicional e racionalista, para fundar sua própria Igreja, a Igreja Evangélica Brasileira?

Bom, é a partir daí que se faz oportuno o uso de algumas categorias trabalhadas por Weber, sobretudo como instrumentos de análise, ainda que de tipos não ideais.

### **3 CATEGORIAS TRABALHADAS POR WEBER**

Para a sociologia weberiana, os acontecimentos que integram o social têm origem nos indivíduos. A meta do cientista é compreender os nexos causais que dão sentido à ação social. Embora os acontecimentos sociais possam ser quantificáveis, a análise do social sempre envolve uma questão de subjetividade.

Entre seus conceitos fundamentais, Weber destaca que a ação é um comportamento humano dotado de sentido. A interpretação do sentido de uma ação ou a razão pela qual ela se manifesta é objeto a ser investigado pelo pesquisador de maneira que ele possa enxergar as conexões de sentido, ou seja, os motivos que possibilitam determinado comportamento.

Muito mais que constatar, sua função é de interpretar e, como consequência dessa prática, elaborar hipóteses que permitam explicar as ações dos indivíduos. Daí que Weber pontua algumas características peculiares ao estudo

dos indivíduos a partir da proposta de cada disciplina, entre elas a Psicologia e a História. Sua opinião é de que haja uma diferença entre a Sociologia Compreensiva e a Psicologia, por esta última não se ocupar da interpretação do comportamento humano quanto a seu sentido, privilegiando aquilo que não é físico, mas psíquico.

Quanto à História, Weber observa que ela constrói conceitos de tipos e procura regras gerais de acontecimentos. A História constata, observa e indaga o sujeito, o objeto, enquanto que a Sociologia tenta analisá-lo e construir conceitos, tendo como referência o tipo ideal. Há de se ponderar sobre a delimitação de fronteiras estabelecidas por Weber, uma vez que, além da carga racionalista e cientificista que impregnou boa parte dos intelectuais até o início do século XX, há também por parte dele uma vontade em sistematizar a Sociologia, demarcando, por assim dizer, seu objeto de estudo.

Embora Weber seja visto dentro das Ciências Sociais como clássico da Sociologia, alguns estudos têm demonstrado sua importância também dentro da Antropologia, por incluir na análise das singularidades das condutas histórico-culturais uma teoria de valor com fundamento cultural.

Mariza Peirano relaciona três antropólogos contemporâneos que têm Weber como interlocutor: Louis Dumont, Clifford Geertz e Stanley Tambiah. A mesma autora observa ainda que Schluchter fez uma comparação sensível entre Weber e Durkheim, pois ambos viram o homem como um animal simbólico; os objetos sagrados foram vistos como representações; e os símbolos religiosos e as idéias que eles representam podem ser generalizados e sistematizados. Quanto ao legado weberiano a autora afirma:

há uma longa história de conquistas comuns, que passa pela preocupação com a cultura, pela comparação entre projetos históricos que iluminam valores equivalentes (mas não iguais), pela ênfase na interpretação e pelo desafio perene de combinar visão microetnográfica com uma macrosociologia. Esta combinação certamente nos aproxima como *cientistas sociais* e, como consequência imediata, questiona as diferenças radicais entre os projetos da antropologia e da sociologia. (PEIRANO, 2000, p. 12)

Desse modo, reafirma-se aqui a possibilidade de encontrar em Weber um excelente referencial teórico para a análise da ação de Miguel Vieira Ferreira, interpretado a partir de três conceitos fundamentais: vocação, carisma e poder.

### 3.1 O “chamado” – Vocação

Em 1873, esse mesmo político liberal, infiel confesso, converte-se ao cristianismo, depois de ter realizado uma visita à Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro. Davi Gueiros, em sua obra “O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil” relata que Miguel Vieira Ferreira, naquele momento, vivia uma busca religiosa, interessando-se sobre diversos temas, tendo inclusive estudado o kardecismo.

Parece-me que a aproximação de Miguel Vieira Ferreira com o protestantismo se deu através das idéias progressistas que naquele período significavam maior número de escolas e republicanismo. Ora, alguns desses intelectuais republicanos estiveram envolvidos com o protestantismo, antes mesmo da conversão de Miguel, foram eles, Joaquim Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Cristiano Ottoni, Francisco Rangel Pestana, havendo este último fundado a Escola Internacional, de orientação protestante, na cidade de Campinas, São Paulo, em 1871.

Mas isso não determinou a continuidade de Miguel no meio protestante; antes, foi só um entre tantos elementos que lhe permitiu o engajamento evangélico. Segue abaixo o hino “Marcha” que se encontra no Livro de Cânticos da Igreja Evangélica Brasileira. É interessante observá-lo, para que logo em seguida possamos compreender de que modo se justifica empregar o conceito de vocação elaborado por Weber na análise sobre Miguel Vieira Ferreira.

Naquele tempo, profetiza Daniel / Se levantará o grande príncipe, Miguel / O protetor do teu Povo / Condutor dos filhos de Deus, E sendo filho da Mulher.

Exultemos, meus irmãos / Aceitemos o grande príncipe Miguel / Que vencer vem ao dragão / Pela promessa que Deus fez à Mulher / Vem com a justiça de Cristo / No poder do Espírito Santo / E com o nome de Miguel.

Acordando multidões / Que dormem na noite escura / Abrindo selos da Bíblia / Revelando sua formosura / Nos mandando ao Senhor Jesus / receber d’Êle a própria luz / E aceitarmos sua cruz.

Jesus Cristo o enviou / Por sua fidelidade / Revestindo-o do poder / para fazer sua vontade / Mandou Êle e mais ninguém / Seu irmão que Êle quer bem / E os anjos digam: — Amém.

Para Weber (2003, p. 68) “O único modo de vida aceitável por Deus não estava na superação da moralidade mundana pelo ascetismo monásti-

co, mas unicamente no cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Era essa sua vocação.” Assim, é que a palavra alemã *Berufe* e no inglês *Calling* têm implícita uma conotação religiosa de uma tarefa confiada por Deus. Mais adiante, essas expressões ganharam a conotação do que hoje se chama vocação, ou seja, um chamado (como se traduz literalmente do inglês) de Deus para alguém ou para um povo e, ainda, o cumprimento desse chamado.

Observando então o hino anterior, percebe-se nitidamente que Miguel atende a um chamado divino, o qual foi antes profetizado. Sua vocação é proteger e conduzir o povo, haja vista que Jesus Cristo o enviou para cumprir essa tarefa, segundo sua expressa vontade. Esse *chiamamento* (expressão usada junto com *vocazione* na tradução italiana da Bíblia do século XV), para Weber, encontra dois significados diferentes em Lutero:

- a) o primeiro, termo usado pelo apóstolo Paulo significando apelo à salvação eterna, por meio de Deus, ou seja, o chamamento do Evangelho para a salvação;
- b) o segundo, um sentido secular dado ao termo *beruf*, significando aspecto do destino ou tarefa assinalada a cada um.

Segundo Weber, o primeiro termo permitiria a vida contemplativa e monástica, uma vez que, estando salvo, o fiel não precisa mais “buscar a salvação”. Bastar-lhe-ia contemplá-la posto que estava eleito entre os filhos de Deus. Porém, uma vez eleito de Deus, implica a tarefa de pôr em prática aquilo a que foi chamado, ou seja, em realizar a obra divina. Poderia ser essa concepção algo contraditório dentro do protestantismo que descarta a possibilidade de que o fiel venha a alcançar a salvação por meio de obras. No entanto, as atividades ou o exercício de sua vocação apenas externam o fato de que determinado indivíduo é um eleito, segundo a concepção calvinista.

Diante disto, Miguel converge esses dois significados, reproduzindo-os na sua prática religiosa. Daí que ele não se envolve, como poderia de se esperar, com a Igreja Positiva, onde alguns intelectuais maranhenses, a exemplo de Teixeira Mendes, estavam envolvidos. Apesar de suas idéias estarem próximas do pensamento positivo, o apelo significativo decorre da ênfase em uma predestinação antecipada de forma sobrenatural, mas com vistas à prática de uma ação racional<sup>1</sup>.

No hino anterior, percebe-se também que uma de suas tarefas é vencer o *dragão*. Por dragão quero entender não a personificação pura e simplesmente de um ente ou divindade, mas, muito além disso, a materialização dos

males que submetem o povo à miséria, os quais Miguel já havia relacionado antes de sua conversão: falta de moralidade, ociosidade, a Monarquia, só para destacar alguns.

Ora, Weber observa que a ética protestante, de certo modo naquilo que concerne à vocação do indivíduo protestante, serviu à propagação do capitalismo, uma vez que “a divisão do trabalho força cada indivíduo a trabalhar para os outros. [trabalhar dentro da vocação se lhe afigurou como a expressão externa do amor fraternal]”. (WEBER, 2003, p. 68)

No álbum de Portugueses e Brasileiros Eminentíssimos, reimpresso em 1969 por ocasião do 90º aniversário de fundação da Igreja Evangélica Brasileira, o autor da obra, que não me foi possível identificá-lo, comenta o seguinte: “os que o cercam têm deixado os vícios e, pelo trabalho honesto, ordem e moralidade, têm adquirido um bem-estar que não possuíam e que jamais possuiriam”.

Mais uma vez a mentalidade protestante se coaduna à de Miguel, posto que o progresso poderia ser alcançado através da vocação protestante. O apego ao trabalho, o repúdio ao ócio, a formação de um caráter dentro de uma moral rígida, o acúmulo de capital, permitindo o bem-estar social, seriam características próprias do protestantismo que serviriam tanto à manutenção da ordem, quanto permitiriam o desenvolvimento da sociedade. Não é à toa que o hino recebe o título de “Marcha”.

### 3.2 Miguel: líder carismático

Weber (1991, p. 159) denomina *carisma* do seguinte modo:

uma qualidade pessoal considerada extracotidiana [...] e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se torna como enviada por Deus como exemplar e, portanto, como “líder”.

O mesmo hino anterior pode nos servir para essa análise. Miguel, no mito bíblico, é um anjo que se opõe contra outros anjos, numa luta nos céus, onde o dragão, ou seja, Satanás é expulso. O profeta Daniel menciona esse anjo como símbolo da proteção divina sobre o povo de Israel, e o livro de Apocalipse descreve de que modo se deu essa luta, culminando com a vitória de Miguel sobre o mal, “sedutor de todo o mundo”<sup>22</sup>.

O hino poderia ser uma alusão a este embate entre o bem e o mal, limitando-se à recordação da figura desse anjo Miguel. No entanto, ao final do hino, a última estrofe me chama a atenção: “Jesus Cristo o enviou / Por sua fidelidade / Revestindo-o do poder / para fazer sua vontade / Mandou Êle e mais

ninguém / Seu irmão que Êle quer bem / E os anjos digam: — Amém”.

Continuando a explicação teológica, um anjo não precisa ser revestido de poder, uma vez que é uma figura celestial dotada de ações sobrenaturais, mas que não superam as ações de Deus. No entanto, o que se percebe nessa última estrofe é que Jesus Cristo teria enviado não um anjo, mas alguém que tem o mesmo nome daquele anjo, Miguel, alguém que também é seu irmão (e nesse caso somente os homens e mulheres são considerados filhos de Deus), revestindo-o de poder — isto porque esse enviado é alguém humano e limitado e que, portanto, precisaria ser revestido de poderes sobrenaturais — para cumprir a promessa que Deus fez à Mulher (ou seja, a Igreja). Miguel Vieira Ferreira, portanto, é alguém enviado por Deus para estabelecer uma nova ordem.

No entanto, é necessário haver reconhecimento deste pelos seus dominados, reconhecimento que, segundo Weber, não é a razão da legitimidade, mas antes “um dever das pessoas chamadas a reconhecer essa qualidade em virtude de vocação e provas”. Ora, as pessoas que seguiam Miguel Vieira Ferreira, não somente atendiam ao chamado, como reconheciam pelas provas bíblicas (profecia) em Miguel, a qualidade do líder carismático.

É necessário ainda que esta liderança traga o sentimento de bem-estar aos que estão sendo dominados, para que assim possa ser confirmada a autoridade carismática. Se alguém está revestido de um poder divino, esse poder deve ser posto à prova ou no mínimo evidenciado de tal modo a permitir uma entrega pessoal do crente. A certa altura de seu pastorado, Miguel Vieira Ferreira, num discurso realizado no Clube Militar (Maranhão), em 1890, afirma o seguinte:

Não pretendo emprego, não ambiciono riquezas nem posição social alguma, ambiciono ardentemente ser útil, e tem sido esta a única ambição de toda a minha vida, é meu dever ser útil. [...] O meu quinhão não depende dos homens, eu sou de Deus e por isso mesmo sou da humanidade. Devo glorificar a Deus, mas a glória de Deus é fazer bem à suas criaturas.

Parece-me que o aspecto sobrenatural em torno de Miguel limita-se à sua escolha por parte de Deus para uma missão especial, qual seja, fazer o bem às criaturas. Ora, outros também o fazem e não são enviados de Deus. O que portanto confere a Miguel algo especial nessa tomada de atitude? Talvez aquilo que Geertz, numa leitura sobre Shils, considera como conexão entre o valor simbólico de indivíduos e a relação que estes mantêm com os centros ativos da ordem social. Geertz (1997, p. 184), considera que “figuras carismáticas podem surgir em qualquer parte da vida social — tanto na ciência ou na arte, como na religião

ou na política —, desde que esta área esteja suficientemente em evidência, e, por esta razão, pareça imprescindível à sociedade”.

Quais os principais temas de discussão daquele período? Movimentos pela abolição, pela República, por uma separação definitiva entre Igreja e Estado, pelo liberalismo político e econômico, só para citar os mais evidentes. Veja-se que Miguel está envolvido na arena dessas discussões o que lhe permite alguma influência sobre os membros daquela sociedade.

Não é necessariamente alguma sobrenaturalidade existente sobre suas ações, muito menos qualquer espetáculo circense que o evidencie ser o Escolhido de Deus, mas o fato de estar bem próximo do centro das coisas. Agora, o que se deve também destacar é que sua função, no estabelecimento de uma nova ordem, atende não a uma necessidade racional e lógica das coisas, muito menos ao compromisso histórico social com a mudança, mas, além disso, a uma vocação, um chamado divino que subverteria a condição humana na terra.

Weber ainda esclarece que a toda dominação carismática genuína correspondem alguns termos como “Está escrito” ou “Em verdade vos digo”, de modo que ao proferir essas palavras o líder carismático anuncia, cria e exige novos mandamentos e uma nova tomada de atitude em virtude da revelação, da inspiração ou de sua vontade criadora concreta.

Ao sair da Igreja Presbiteriana, em 1879, razão esta, segundo ele, fruto de uma revelação divina, Miguel discursa da seguinte forma:

Tenho falado de Deus diante de Deus. Se Deus vos houvesse falado, havíeis de saber que eu tenho dito a verdade; mas, como com verdade dizeis que nunca vos falou e que não credes que jamais vos fale a vós como me tem falado a mim; em verdade, em verdade vos digo: vós haveis de me julgar, mas diante de Deus não podeis ser meus juízes<sup>3</sup>.

Assim, Miguel exerce sua dominação carismática de modo irracional, no sentido weberiano de não se reconhecer regras. Não há juízes nem leis que o possam julgar, pois ele transcende a elas. Os discípulos o vêem e reconhecem nele não um Deus ou demiurgo, mas alguém que incorpora as virtudes e qualidades do divino; em uma palavra, ele é o profeta.

Haveria ainda mais outros pontos a serem discutidos aqui, como por exemplo a rotinização do carisma dentro do conceito weberiano. A Igreja Evangélica Brasileira, após a morte de Miguel Vieira Ferreira, acaba sendo direcionada por um grupo de presbíteros, até que depois assume seu irmão mais velho. Após a morte de Luiz Vieira Ferreira, a IEB passou a ser dirigida por uma comissão de Presbíteros, até que o filho da promessa, isto é, o filho de Miguel, Israel Vieira Ferreira, assume a Igreja de 1911 a 1959.

Terá sido o carisma passado de forma hereditária (pois eram parentes)? Terá sido por revelação (o filho da promessa se confunde com o relato bíblico do filho prometido por Deus a Abraão para guiar a nação de Israel), legitimada pela consulta a algum oráculo ou outras técnicas de seleção? Ou por designação justa do verdadeiro portador do carisma? Como se vê, há diversos elementos ainda por se analisar e pesquisar.

### 3.3 Poder e Domínio

O poder para Weber (1991, p. 33) significa toda a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Como se viu até aqui, Miguel Vieira Ferreira reunia elementos vocacionais e carismáticos que lhe asseguraram a legitimidade de suas ações. Mas para isso, para impor sua vontade sobre a maioria, tornava-se necessário o exercício de um poder, menos sobrenatural e muito mais ideológico.

Nesse sentido é interessante também a contribuição de Bourdieu na análise sobre aspectos desse poder simbólico enquanto instrumento de imposição ou de legitimação da dominação. Bourdieu (1998, p. 14) ao fazer uma análise sobre o poder simbólico destaca o seguinte:

[...] o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada — e por meio desta — entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença.

Existiram vários símbolos do poder em torno de Miguel Vieira Ferreira que na verdade permitiram objetivar o poder de domínio sobre os membros da sua Igreja. Linguagem, trajes e, após a sua morte, a petrificação de sua imagem, de seu nome, em uma palavra, de sua memória — fosse através de estátuas, nomes de ruas ou publicações comemorativas —, tudo isso acabou por contribuir também para a formação de um mito poderoso, quase onipresente.

Em todas as fotografias, ou pelo menos aquelas que nos são permitidas ver, Miguel Vieira Ferreira é apresentado de borla e capelo. Nas publicações que fazem referência a seu nome e, principalmente, entre os membros de sua igreja, seu nome é precedido pelo título de Doutor.

Quero dizer, com isso, que a legitimidade de seu poder não foi algo exclusivo e dependente apenas de seu carisma ou de um “dom divino” reconhecido pelo povo. Também foi fruto da construção simbólica do intelectual, formado

dentro de uma racionalidade e que ainda se valia dela para legitimar seus discursos no intuito de subverter a ordem. Nessa relação de poder, em que os agentes detêm um poder à proporção do seu capital (cultural, econômico, simbólico), Miguel tenta construir ou projetar sobre si aspectos desse capital a fim de permitir que seu carisma fosse reconhecido e legitimado oficialmente, através de uma instituição criada por ele e para ele.

Seu discurso por vezes reflete aspectos desse capital, como pode ser notado no trecho transcrito abaixo, em que ele apela para a retirada de um cruxifixo da sala do júri, muito mais por argumentos lógicos e racionalistas do que por uma defesa apaixonante envolta na fé.

A Igreja está separada do Estado; o govêrno deve, pois, ordenar que os símbolos religiosos sejam retirados de todos os estabelecimentos públicos [...] se quiser cumprir a Constituição [...]. Ponham os ídolos nos respectivos templos, é o direito do obscurantismo. Lá os adorem seus adeptos [...]; mas é violência, ataque à consciência e à lei, o colocá-los em repartições e estabelecimentos públicos, onde os cidadãos de tôdas as crenças têm forçosamente de funcionar. [...] A idolatria em sua plenitude é a causa do lamentável estado não só do Brasil, mas da humanidade. Desejo liberdade para todos e igualdade de direitos. Peço o cumprimento da lei". (Álbum de Portugueses e Brasileiros Eminentés, p. 85).

Ora, o argumento de Miguel Vieira Ferreira questiona a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado Republicano não poderia ser de modo algum confessional, fosse para qualquer religião. Ainda mais o poder Judiciário, que se pretende imparcial. Este não poderia ter em seus recintos quaisquer elementos religiosos que viesse a lhe caracterizar ou dar sentido religioso, uma vez que em seus tribunais encontravam-se cidadãos de diversas crenças.

Agindo assim, Miguel criava a sensação de desestabilização da ordem política e religiosa, ao tempo em que abria espaços, nesses centros, para um novo modelo ou outro poder, pelo menos transformado. O interesse sutil nas entrelinhas de suas palavras não era a criação de uma República *a-religiosa*, mas questionar o poder, relativizando-o diante de fatos e argumentos contundentes, transferindo, por intermédio do seu carisma, certa simpatia pela sua Igreja.

Ainda sobre suas relações de poder, Miguel tenta candidatar-se a uma cadeira no Senado, como forte oposição ao Partido Católico que tentava se organizar politicamente em ocupar espaços no Congresso. Entretanto, a Constituição Republicana provisória determinou que os religiosos ficassem

incompatibilizados para exercer cargos de eleição.

O certo é que, depois desse obstáculo de ocasião criado pelo Estado, Miguel Vieira Ferreira, ao elaborar o estatuto da Igreja Evangélica Brasileira, determina que nenhum fiel ou membro de sua Igreja se envolvesse politicamente e, muito menos, estivesse filiado a algum partido político. O discurso, agora invertido, foi no intuito de criar uma aversão aos políticos e ao Estado o que, guardada as devidas proporções, reflete um pouco da falta de compromisso político que por muito tempo permeou a mentalidade evangélica brasileira.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carisma, vocação, poder, embora conceitos vinculados a tipos ideais que se supõem verificáveis, não são categorias que se possam impor sobre objetos de estudo, mas no máximo servir de pontos de observação do sujeito, muitas das vezes exagerando-lhe as formas, porém com o intuito de poder capturá-lo em torno de sentidos e significados.

O objeto aqui estudado, Miguel Vieira Ferreira, é plural, multiforme, ambíguo, não cabendo aqui limitá-lo na forma de abordagem ou impor-lhe “etiquetas” científicas. Temos nele uma excelente oportunidade de experimentar diversas possibilidades de compreensão, sem se definir por nenhuma.

O movimento evangélico brasileiro chega ao século XXI cheio de nuances que escapam aos sistemas classificatórios da sociologia, talvez pelo fato dos campos de abordagem estarem tão limitados por fronteiras científicas consideradas intransponíveis. A prática religiosa brasileira, como pode ser visto no exemplo de Miguel, é por demais complexa, de fundo místico, racional ou não, e que salienta o pluralismo cultural existente entre nós. Este é um ponto a considerar.

O segundo é que o protestantismo ao ser inserido no Brasil ao final do século XIX, via pragmatismo norte-americano ou pietismo europeu, é assimilado de uma forma, porém transformado em seus vários aspectos — doutrinário, administrativo, litúrgico — de tal maneira a provocar confusões quanto ao seu entendimento.

As denominações protestantes que começam a surgir, frutos de interpretações variadas da Bíblia, surgem sob o selo da revelação; isto é, cada nova denominação religiosa se propõe detentora da verdade, que está legitimada na revelação confiada por Deus a seus fundadores. Isso traz algumas contradições dentro da doutrina protestante.

Uma delas é o poder simbólico do líder. A idolatria é algo combatido dentro da prática protestante; no entanto, cada vez mais se percebe quanto os líderes carismáticos são adorados ou divinizados pelos seus fiéis. Títulos lhes são outorgados: Doutor, Apóstolo, Bispo, Sacerdote. Mais que títulos, são símbolos

do poder que não legitimam, porém expressam a legitimidade que há em quem os possui.

Enfim, ao utilizar Weber como referencial teórico, proponho reinterpretá-lo a partir de um olhar menos reducionista e mais transdisciplinar. Seus conceitos não estão tão hermeticamente fechados quanto se supõe, sendo necessário compreendê-los no contexto histórico-social em que foram formulados e na capacidade de permanecerem ainda aplicáveis atualmente. Penso em Weber não como doutrina, mas sim como instrumental ainda possível de ser utilizado.

**CHARISMA, VOCATION AND POWER IN  
MIGUEL VIEIRA FERREIRA:**

offer interpretation of the subject from on someone  
Weber's categories

ABSTRACT

This work is an analysis about Miguel Viera's life, the first shepherd of 'Evangelical Brazilian Church' founded by him at the 19<sup>th</sup> century after his discontentness with the Presbyterian Church from Rio de Janeiro city. His life was marked by combat against the slavery and worked to develop the liberal ideas, introducing between the people what he called the 'moral capital'. We use some Weber's concept like 'charisma', vocation and power, but we pretend to understand him like a free subject, far from closed categories.

Keywords: Miguel Vieira Ferreira, Protestantism,  
charisma, vocation.

---

Notas

<sup>1</sup> Por ação racional entende-se o conceito aplicado por Weber que consiste em uma ação segundo mandamentos ou de acordo com exigências que o agente crê dirigidos a ele (diretivas religiosas, piedade...).

<sup>2</sup> Sobre a visão profética de Daniel, consultar o livro que leva seu nome (cap. 10, vv. 10-21). Em Apocalipse, o combate entre Miguel e Satanás pode ser lido no cap. 12. Algumas Bíblias trazem mais referências e notas sobre o anjo Miguel, entre elas pode-se destacar a Russel Shedd e Thompson.

<sup>3</sup> Álbum de Portugueses e Brasileiros Eminentes (fascículos XVII e XVIII). p. 65

## Referências

- ÁLBUM DE PORTUGUESES E BRASILEIROS EMINENTES (fascículos XVII e XVIII).
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 2ª ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1998.
- COELHO, Maria Francisca Pinheiro; BANDEIRA, Lourdes; MENEZES, Marilde Loiola (Orgs.). **Política, ciência e cultura em Max Weber**. Brasília : Ed. Universidade de Brasília ; São Paulo : Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer & A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2002.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
- FERREIRA, Miguel Vieira. **Reflexões acerca do progresso material da província do Maranhão**. Maranhão : Typ. do Frias, 1866.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 6ª ed. Tradução Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.
- GOMES, Sônia de Almeida; SARAIVA, José Cloves Verde. **Doutor Miguel Vieira Ferreira, uma vida pela liberdade**. São Luís : Edição Preliminar (Especial para o I Encontro de Matemática da UEMA), 2000.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Duido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1985.
- SOUZA, Jessé (Org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2000.
- VIEIRA, Davi Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília : Ed. Universidade de Brasília, 1980.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo : Editora Martin Claret, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade**. Tradução Regis Barbosa ; Karen Elsabe Barbosa. Brasília : Ed. da Universidade de Brasília, ano 1991, v. 1.
- \_\_\_\_\_. **Metodologia das Ciências Sociais**. Tradução Augustin Wernet. 3ª ed. São Paulo : Cortez ; Campinas, SP : Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Textos selecionados**. Traduções de Maurício Tragtenberg [et. al.]. 2ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1980.